

“MARIELLE PRESENTE”: FAKE NEWS, VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA NAS REDES SOCIAIS.

RISSO, Eliana¹
Gustavo dos Santos Prado²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o universo das *Fake News* usando como base o caso Marielle Franco. Vereadora, representante de minorias e que cresceu na Comunidade da Maré e foi brutalmente assassinada por milicianos. Tendo a investigação ainda em andamento ao longo da construção deste trabalho. A pesquisa notou que houve uma enorme produção de notícias falsas da referida figura pública, que tinha se tornado um dos principais nomes do campo progressista do Rio de Janeiro – cidade que exclui grande parte da população negra e pobre. O leitor notará que as notícias falsas produzidas contra ela foram utilizadas como instrumento de análise.

PALAVRAS-CHAVE: Marielle. *Fake News*. Redes sociais. Violência e resistência.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar, por meio de métodos e pesquisar realizadas pelo campo empírico, as *Fake News* disseminadas sobre a figura da vereadora Marielle Franco, assassinada no Rio de Janeiro no dia 14 de março de 2018. As *Fake News* sobre a vereadora foram amplamente disseminadas e para compreender o fenômeno foi necessário realizar recortes teóricos e metodológicos específicos.

Além da simpatia da pesquisa pela figura da vereadora, chamou a atenção deste trabalho que o trágico assassinato da vereadora poderia ser utilizado como forma de entender o funcionamento das notícias falsas – um fenômeno que ameaça a integridade das pessoas afetadas e não possuem limites éticos, dado que a *Fake News* é sempre corrosiva.

No percurso deste trabalho, o leitor notará que foi discutido a questão da *Fake News*, os bots³ e como eles foram aplicados no caso da vereadora. Após isso, a

¹ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário FAG. E-mail: emrisso@minha.fag.edu.br

² Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e docente do Curso de Jornalismo do Centro Universitário FAG. E-mail: gspgustavo.historia@hotmail.com

³ Os bots são aplicações autônomas que rodam na Internet enquanto desempenham algum tipo de tarefa pré-determinada. Eles podem ser úteis e inofensivos para os usuários em geral, mas também podem ser usados de forma abusiva por criminosos. <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/07/o-que-e-bot-conheca-os-robos-que-estao-dominando-a-internet.ghml>> ACESSO EM /11/11/2019 às 13H53

pesquisa discute a história da vereadora – que teve uma trajetória importante e de relevo principalmente para a questão das minorias e de pessoas que vivem em áreas de vulnerabilidade no Rio de Janeiro. Por isso, o leitor notará que foi feita uma discussão do conceito de minorias, das redes sociais e da própria Marielle Franco.

O recorte teórico ficou a cargo da análise de conteúdos midiáticos – que o leitor notará que também está presente neste trabalho. Foram separados vários materiais que retratam as *Fake News* da vereadora em formato de “prints” e eles foram analisados na terceira parte deste trabalho.

O discurso de várias autoridades que disseminaram notícias falsas da vereadora está na análise, uma vez que esses sujeitos (políticos, juízes) possuem capilaridade social. Também procurou-se mostrar como as notícias falsas deturparam a relação de Marielle com a comunidade que ela cresceu e viveu.

Por fim, o leitor notará que a pesquisa procurou analisar uma parcela do material que foi produzido na página da vereadora que foi assassinada. Ali está uma parte importante da vida de Marielle e de tudo aquilo que ela representou. Seu assassinato foi acompanhado por um movimento de notícias falsas que procurou deslegitimar o legado da vereadora, sua história e memória. Contudo, a força de representação de Marielle está muito além das notícias falsas que quiseram destruir o seu trabalho militante. Isso também é desconstruído por esta pesquisa.

2. FAKE NEWS, REDES SOCIAIS, MINORIAS, MARIELLE E ANÁLISE DO DISCURSO.

2.1. Fake News e Redes Sociais.

Usa-se a política como objeto de estudo central nesse estudo do tópico *Fake News* nas redes sociais por se tratar de um campo amplo e de suma importância para uma nação. Inicia-se discutindo os “bots”, sistemas que podem ser chamados de robôs inteligentes que servem para efetuar ações como seguir pessoas nas redes sociais, criar hashtags e direcionar mensagens aos seguidores que o usuário desejar alcançar como público alvo.

O uso deste sistema teve um crescimento significativo durante os períodos de eleições presidenciais de 2016. Há uma mudança expressiva no comportamento dos usuários, pois as novas mídias digitais entram em concorrência com as mídias tradicionais:

A ampliação do consumo de notícias por sites de redes sociais também fomenta um novo tipo de concorrência com os media tradicionais. As fake news se assentam, também, na crise de confiança dos leitores nos veículos tradicionais. Como registra o Digital News Report, 43% dos entrevistados confiam nos media”. (VALENTE, 2017, artigo 159)

Nota-se na discussão supracitada que as redes sociais estão ganhando espaço em comparação às mídias tradicionais, e isso vem criando um problema: ou as pessoas não acreditam mais naquilo que leem, ou passaram a crer em tudo aquilo que entram em contato. Há, portanto, uma ausência de senso crítico. As notícias falsas se espalham, uma vez que se caso o material for recebido por alguém próximo, ele é visto como verdadeiro.

Falta uma leitura apurada das notícias: O Instituto Nacional Francês da Universidade de Columbia aponta para 59% de links compartilhados não são clicados de fato. Neste caso:

Há ainda uma distância entre a partilha dos links e a sua leitura em si. Estudo divulgado em junho de 2016 pela Universidade de Columbia e o Instituto Nacional Francês mostra que 59% dos links compartilhados em redes sociais não chegam a ser clicados de facto (DEWEY, 2016). Dessa forma, uma manchete atraente – que normalmente fica explícita na URL do link - já seria suficiente para garantir engajamento. Mesmo quando os links são clicados, poucos leitores vão passar dos primeiros parágrafos, o que facilita ainda mais o trabalho de elaboração de uma notícia falsa (CARVALHO; MATEUS, 2018. p. 5)

Bots, notícias falsas, discussões vazias e links não clicados dão o tom das notícias falsas. Os robôs são fundamentais neste processo de desinformação: as notícias falsas se espalham por eles, para que a própria desinformação passe mais rápida. Páginas fake e *trols* também sedimentam esse quadro caótico de desinformação.

Os algoritmos colocam o leitor num processo circular no qual ele só vê aquilo que a inteligência artificial quer. Cria-se a bolha, que estimula uma conduta imediatista de consumo de notícias – circunstância terrível para a criação de um atmosfera de leitura crítica. Como ressalta Schirmer (2018):

Nesse caso também devemos considerar as “fake news” como uma ferramenta para a disseminação de ódio biopolítico, visto que se tratam de discursos falsos que são produzidos com o intuito de eliminar a imagem pessoal e política de Marielle. No dia 24 de março o Facebook retirou do ar a página “Ceticismo Político”, que seria a responsável por criar e impulsionar as notícias falsas sobre Marielle Franco. No dia anterior, o Youtube também havia se prontificado a retirar 16 vídeos com ofensas à vereadora. As ações para que ambos os atos se realizassem foram movidas tanto por uma força-tarefa do PSOL para encontrar mentiras sobre o caso na internet, quanto pela irmã de Marielle, Anielle Franco, e por sua viúva, Mônica Benício. (SCHIRMER, 2018. P10.)

O Google e o Facebook ajudam a criar essas bolhas – e as pessoas passam a produzir notícias dentro delas, Dessa forma, segundo Levinson (1990, tradução nossa), “Na era da Internet, em que qualquer pessoa com uma página da Web pode lançar uma notícia, internacionalmente, o gatekeeping corporativa de notícias está finalmente começando a diminuir.”

O autor relata que grandes corporações criam condições materiais para que as notícias falsas se espalhem. Por outro lado, (Jarvis, 2015, p.7, apud, Angelo Sastre,) nos mostra uma outra visão, deixando claro a produção crescente no meio digital, porém também faz um alerta sobre a falta de credibilidade do conteúdo, afirmando que “no entanto, de fato, a informação está crescendo, embora de forma desigual e, em muitos casos, pouco confiável, por meio de uma imensidão de novas fontes que contribuem para um maior ecossistema de informação.”

Há muitas notícias que não se pode confiar, contudo, os usuários que vivem dentro de bolhas digitais são os principais propulsores de inverdades. Perde-se o senso crítico, a empatia, o valor da notícia, aumenta-se a crença em valores inexistentes e destrói nomes: É o caso da vereadora Marielle Franco. Como afirma Schirmer (2018), nas redes sociais Marielle sofreu uma “segunda morte”, ao ter a dimensão política de sua vida usurpada e reduzida ao domínio do biológico, em discursos que justificam a sua morte pelo discurso do racismo.

1.2 Minorias e Marielle Franco

Rogers e Ballantyne, 2016, p.12, apud: Carmo afirma que na sociedade existem fontes de vulnerabilidade, a partir das quais seria possível estabelecer classificações. A vulnerabilidade está ligada às condições econômicas, sociais e patológicas de cada

indivíduo, sendo a vulnerabilidade extrínseca que está ligada às condições de extrema pobreza.

Por outro lado, há a vulnerabilidade intrínseca: ela está ligada a fatores nos quais o indivíduo encontra-se com problemas relacionados à saúde mental, assim como deficiências intelectuais. Devido a condição social, os idosos também compõem grupos minoritários.

Usa-se da lei para organizar a sociedade até mesmo quando relacionado ao preconceito do indivíduo. Cláudio Carmo (2013) estabelece que grupos minoritários são contemplados com a lei, inclusive com a ação do STF que delimita os direitos desses grupos. Recentemente, a Suprema Corte do Brasil estabeleceu a criminalização da homofobia, tipificando-a como racismo até possuir uma legislação específica para o assunto.

Schimer (2018) afirma que o Brasil não é um país seguro para as minorias sociais e ativistas, uma vez que esses indivíduos têm sido vítimas recorrentes de retaliações por suas ideias e ações políticas, muitas delas culminando em execução, como indica ter sido o caso de Marielle.

O Brasil, atualmente, passa a ser o 43º país a criminalizar a homofobia, segundo apontamentos divulgados pela Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais (ILGA).

São proibidos e coibidos por lei. Logo, aqueles que não suportam a diferença precisam disfarçar ou dissimular seus sentimentos negativos em relação a outrem para não sofrerem as sanções da lei. Ou seja, eles apenas toleram o diferente, não os respeitam como iguais, demonstrando a pseudodemocracia no contexto brasileiro. (CARMO, 2013, p. 12)

Conforme a decisão de corte:

“I - "praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito" em razão da orientação sexual da pessoa poderá ser considerado **crime**; II - a pena será de **um a três anos**, além de multa; III - se houver divulgação ampla de ato homofóbico em meios de comunicação, como publicação em rede social, a pena será de **dois a cinco anos**, além de multa; IV - a aplicação da pena de racismo valerá até o Congresso Nacional **aprovar uma lei** sobre o tema”. (PEREIRA, 2019, Acesso em: 29/08/2019)

Para exemplificar e compreender o que são minorias a partir do recorte desse trabalho, Larissa Mizutam 2011 alega que minorias não estão ligadas a ordem

numérica, mas sim a uma questão de representatividade. Há uma pesquisa do PNDA que mostra o número de mulheres era superior aos de homens no país, 52% e 48%, respectivamente. No entanto, as mulheres entram na condição de minorias, pois historicamente e socialmente ainda estão em estágio de vulnerabilidade se comparado aos homens. Mizutani (2011) ainda afirma que “Tais características visaram evitar o uso da categoria minoria como forma de abuso em detrimento do Estado”. Dessa forma:

a) a existência entre os súditos de numerosos Estados de grupos de populações distintas (...) apresentando tradições ou características étnicas, religiosas ou linguísticas diferentes das do resto da população e que Direito e Práxis, vol. 02, n. 01, 2011 deveriam ser protegidas por medidas especiais, no plano nacional ou internacional, a fim de que possam conservar e desenvolver as tradições ou características em questão; b) a existência de um fator especial, a saber que alguns grupos minoritários não têm necessidade de proteção. Tais grupos compreendem notadamente aqueles que, mesmo sendo numericamente interiores [sic] ao resto da população, constituem o elemento dominante (...); c) o risco de adotar as medidas podendo conduzir a abusos no meio das minorias, cujas aspirações espontâneas a uma vida tranquila de cidadãos satisfeitos, súditos de um Estado dado, poderiam ser perturbadas por elementos tendo interesse de suscitar entre os membros destas minorias a deslealdade em relação a este Estado; d) o fato que não poderia ser indicado de assegurar o respeito de usos que seriam incompatíveis com os direitos do homem que proclama a Declaração Universal dos Direitos do Homem; e) as dificuldades que engendrariam as pretensões ao estatuto de minoria, que poderiam criar grupos tão pouco importantes que a outorga a estes grupos de um tratamento especial poderia, por exemplo, onerar os recursos do Estado de uma carga sem proporção com o seu objeto (MELLO, 2004. P. 161-162, Apud, MIZUTANI, 2011)

Neste caso, o público LGBT entra na condição de minoria. Karoline Almeida Rocha (s/d) questiona que o movimento se consolidou devido a vários fatores, porém ela destaca o surgimento de casas noturnas que visam atender a este público. O movimento no Brasil teve como marco a criação do Jornal Lampião da Esquina em 1978. Aguinaldo Silva e João Antônio Mascarenhas também são sujeitos importantes na história do movimento pois contribuíram para criar uma consciência homossexual – uma forma de incentivo para que os participantes não sentissem vergonha de ser quem eram e que eles estariam livres para ser o que quisessem. Medo, angústia, dificuldades de aceitação e receio do meio social são fatores que ainda pesam sobre essa comunidade:

O Lampião surge com a proposta de criar uma consciência homossexual, assumir-se e ser aceito. A leitura de um trecho do editorial do número dois – que tem por título Homossexualismo que coisa é essa? – é bastante

conclusiva a esse respeito: “Por essa razão a maioria dos homossexuais tem desejado ser „ normal”, numa tentativa de condicionamento dessa normalidade””. Como se pode ver, o discurso é, de ser aceito e se possível dentro da normalidade (ROCHA et al, 2007. P.3, apud RODRIGUES, p.69).

Marielle Franco, vereadora e representante da comunidade negra e LGBTQ+ foi executada no Rio de Janeiro no dia 14 de março de 2018. Ela estava acompanhada do seu motorista Anderson Gomes, que também veio à óbito. O caso gerou comoção nacional e internacional por conta da representatividade da vereadora e sua defesa das minorias.

Ela o poema:

Sou Franco, Marielle Franco, Negra, tatuagem na pele e na alma; marcas de açoites e de traumas; da Maré que não tá pra peixe nem pra sereia; ao léo, mas não alheia; que vê abuso de PM e denuncia; garotos na vala casa vazia; boca no trombone, cartaz papel pardo sem celofane; intervenção no Rio; arregalo, arrepio; me espanto, sou Franco, mas não fico no canto; com lisura, vejo esboço de ditadura; assumo relatoria da comissão; que acompanha a marcha de então; militar não ama, reclama sem brevidade, vê nova comissão da verdade; quer atrocidade sem visibilidade; intervenção enxerga além, mas não enxerga a bala que vem; não enxerga bala que veio, que me acertou em cheio; sofro execução; não componho mais comissão (CARMO, 2018,p 03).

Marielle nasceu no Rio de Janeiro em 27 de junho de 1979. Negra, mulher, feminista, socióloga, política e defensora dos direitos humanos, ela era vereadora pelo PSOL – partido conhecido por sua pauta à esquerda e na luta por direitos humanos. Marielle foi eleita pela primeira vez como vereadora do Rio de Janeiro alcançando 47 mil votos – número expressivo para vereadores na cidade.

Sua ação nas comunidades carentes era significativa. Ela tinha um forte envolvimento com as áreas mais pobres, numa cidade que é conhecida pelo seu histórico de exclusão. Ela era atuante na área política, suas medidas tinham grande aceitação nas comunidades carentes. Tinha um forte discurso contra as milícias, que se tornaram o principal problema de segurança pública do estado do Rio de Janeiro. Suas investigações levaram para a prisão de vários milicianos, que vinham em Marielle um símbolo de resistência à opressão.

Segundo Fiorini (2019):

Pela sua identidade, lutou por melhores condições de vida nas comunidades do Rio de Janeiro. Reconhecida pela sua luta em defesa de grupos sociais marginalizados, a vereadora obteve relevância na política carioca uma vez que foi a única parlamentar na Câmara Municipal de Vereadores defensora dos direitos humanos. (FIORINI, 2019. 05)

Sobre a análise da dissertação de Marielle Franco, podemos afirmar que ela buscava entender as diversas formas do poder público e do policiamento relacionados as favelas do Rio de Janeiro, principalmente a favela da Maré, Marielle levou ao entendimento da Unidade de Polícia Pacificadora (UPPs). A própria Marielle alegava, em 2014: “Essa situação gera desigualdades cada vez mais profundas no tratamento dado aos moradores desses diversos territórios que compõem a cidade”.

Em outro momento Marielle cita a realidade das milícias nas favelas e chama atenção do autor para uma utopia. Apresenta-se, assim, uma base utópica, pois, no lugar de incursões policiais, com a justificativa da “guerra contra o tráfico”, indica uma nova forma de policiamento na cidade. Porém, não é isso que ocorre na prática.

Marielle era enfática com relação a questão das comunidades, polícias e milícias:

Diversamente do que predomina no senso comum, ruas cheias de polícia representam insegurança e não segurança, como predominantemente é divulgado por meio da ideologia dominante. Nos territórios de uma cidade que não vive os riscos permanentes dos conflitos entre polícia e grupos criminosos armados, a presença da polícia nas ruas passa um sentimento de segurança. O contrário ocorre nas favelas e periferias, que vivem sob controle de grupos criminosos, e a presença do policiamento ostensivo traz risco permanente e medo para os moradores. Isso, no entanto, é um sentimento de uma realidade que apresenta a questão de segurança apenas pela força e não por meio de políticas públicas que apostem na mobilidade, no encontro dos corpos, na participação e na ocupação das ruas. Essa situação gera desigualdades cada vez mais profundas no tratamento dado aos moradores desses diversos territórios que compõem a cidade. (FRANCO, 2014, p, 24)

1.3. Análise Do Discurso

Para realizar uma discussão sobre Análise do Discurso se deve levar em consideração que nem todos os leitores têm o conhecimento sobre o verdadeiro significado do discurso. A ideia é sempre levar o sujeito para o conhecimento, segundo Barachuhy (2010): “No contexto histórico francês dos finais da década de 1960, em pleno auge do estruturalismo da base saussureana foi fundada a análise do discurso”.

A Análise do Discurso é importante para os estudos do campo da linguística, tendo o enfoque de especialização sobre a ótica da análise e construções ideológicas presentes em textos de mídia. Pecheux e Fuchs (1997) entendem três significados na

Análise do Discurso, são eles: o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso:

o materialismo histórico como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; - a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; - a teoria do discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos [...] essas três regiões são atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica). (BARACUHY, 2010, p.167, apud, PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p. 163-164)

Independente do recorte temático ou temporal, existe uma infinidade de textos que circulam pela sociedade, e cada um deles possui narrativas diferentes. Gregolin (1995) alega que através da Análise do Discurso é possível realizar uma análise interna (o que este texto diz? Como ele diz?) e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?). Quando se entende o discurso em si, se pode falar dos aspectos ideológicos e como o indivíduo entende a leitura a partir de suas ideologias, crenças e formação social.

O discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente a determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente (GREGOLIN, 1995, pg.18, Apud, Pêcheux, 1990, p.18)

A Análise do Discurso tem por objetivo deixar claro o olhar do sujeito sobre a narrativa. Por conta disso, o trabalho escolheu usar a Análise do Discurso para problematizar o caso da vereadora Marielle Franco, que foi brutalmente assassinada por grupos de milícias. A morte da vereadora gerou uma série de comoções, por conta da quantidade de inverdades que foram disseminadas nas redes sociais. A produção de *Fake News* sobre a militante foi um fenômeno da mídia recente - e geralmente essas produções adotam discursos pejorativos e irreais.

Por outro lado, e para maior esclarecimento, Rocha e Deusdará (2005) explicam que a Análise do Discurso não é um concorrente e sim um fator de fortalecimento para o melhor entendimento do leitor. Neste caso, a Análise do Discurso visa consolidar uma alternativa de análise, "um alargamento teórico, uma

possibilidade outra, originada de um olhar diferenciado que se lança sobre as práticas linguageiras” (ROCHA E DEUSDARÁ, 2005, s.p)

O leitor poderá entender de formas diferentes as discussões uma vez que elas carregam ideologias próprias provenientes de diagnósticos de leituras que variam de acordo com cada sujeito. O sentido crítico do texto não é homogêneo, uma vez que a “a discursividade é um acontecimento que nem a linguagem nem a história podem esgotar inteiramente – haverá sempre espaço para outro sentido, para outro discurso” (BARACUHY, 2010, p. 169).

Baracuhhy (2010) entende que a Análise do Discurso sempre será incompleta, contudo, o discurso possui elementos que podem resultar em estabilização e isso vêm do enunciador. Por conta disso, a Análise do Discurso é tão útil para investigar o objeto de estudo deste artigo.

3. MARIELLE FRANCO E AS *FAKE NEWS*: AUTORIDADES, COMUNIDADE E RESISTÊNCIA.

3.1. Autoridades: a disseminação de notícias falsas.

O deputado Alberto Fraga do (DEM-DF) postou no Twitter a respeito da vereadora que foi assassinada. Ele disse: “Conheça o novo mito da esquerda, Marielle Franco. Engravidou aos 16 anos, ex-esposa de Marcinho VP, usuária de maconha, defensora de facção rival e eleita pelo comando vermelho, exonerou recentemente 6 funcionários, mas que a matou foi, foi a PM.” (G1, 2018.) sugeriram uma note de rodapé

Alberto Fraga passou a usar suas redes sociais para difundir inverdades sobre a militante de esquerda. Por conta da péssima repercussão, uma vez que o crime gerou comoção nacional, ele suspendeu suas redes sociais. Também disse que sofreu vários ataques por conta de seus comentários eivados de mentiras. À época disse o deputado:

Imagem 1 - Fake News de Alberto Fraga.

"Eu não chequei as fontes. Isso, eu posso dizer que foi verdade."

No post, Fraga diz que Marielle teria sido alçada ao posto de "mito da esquerda" e que, na verdade, teria relação com o tráfico e o consumo de drogas.

"Conheçam o novo mito da esquerda, Marielle Franco. Engravidou aos 16 anos, ex esposa do Marcinho VP, usuária de maconha, defensora de facção rival e eleita pelo Comando Vermelho, exonerou recentemente 6 funcionários, mas quem a matou, foi a PM".



Alberto Fraga  @alberto_fra... · 8h 

Conheçam o novo mito da esquerda, Marielle Franco. Engravidou aos 16 anos, ex esposa do Marcinho VP, usuária de maconha, defensora de facção rival e eleita pelo Comando Vermelho, exonerou recentemente 6 funcionários, mas quem a matou , foi a PM.

 397

 290

 592



Fonte: G1

O Conselho da Ética da Câmara ameaçou instaurar vários processos contra o deputado, contudo, o referido conselho não seguiu adiante. Fraga mantém suas redes sociais atualmente, e acabou se envolvendo em novas polêmicas.

A ex-ministra Eleonora Meninucci, do governo Dilma Rousseff, disse em depoimento recente que agentes públicos estariam ligados à morte da deputada. Na sua fala da Assembleia Legislativa de São Paulo ela trouxe: “Ninguém foi preso, embora até as pedras da calçada do Rio de Janeiro saibam que os assassinos são milicianos com suspeita de proximidade com essa gente que está no poder”.

Ela fez alusão a família do atual presidente da República, cujo filho Flávio Bolsonaro já chegou a oferecer honrarias ao ex-capitão do Bope Adriano Magalhães e o major da PM Ronald Alves Pereira na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Em que pese à proximidade, a Justiça ainda nada provou – o que só mostra como as fake News são instrumentos potentes de dissipação de ideias.

Imagem 2 - Foto de Eleonora Meninucci



Fonte: Site Metrôpoles

A terceira análise segue o contexto de uma foto que foi apontada como sendo a de Marielle sentada no colo do traficante Marcinho VP, líder do Comando Vermelho

– instituição criminosa criada em 1979 no Rio de Janeiro e que hoje é um dos principais grupos envolvidos com crimes, tráficos de drogas e armas.

A imagem foi compartilhada milhares de vezes, a notícia falsa apontava para o fato de que Marielle seria casada com o líder do comando vermelho, essa *Fake* se tornou umas das notícias falsas mais compartilhadas na história do Brasil, a verdadeira imagem seria, de acordo com a Veja, “O registro mais antigo da imagem é de um fotolog de título chulo”. Isso provaria que a foto com milhões de compartilhamentos era uma fraude.

Imagem 3 - Fake News de Marielle com Marcinho VP

Diálogos vazados Providência Radar Páginas Amarelas Revista

Brasil

Marcinho VP e Marielle: a verdade sobre este boato

Não, a vereadora do PSOL assassinada não era casada com o traficante — nem foi eleita pelo Comando Vermelho

Por Da Redação
9 abr 2018, 17h32 • Publicado em 18 mar 2018, 12h56



Uma série de **fake news** (notícias falsas) sobre [Marielle Franco](#) tem circulado pela internet desde o assassinato da vereadora do PSOL, na noite de quarta-feira, no Rio de Janeiro.

Entre as mais fortes, está o suposto casamento dela com o traficante Márcio dos Santos Nepomuceno, o **Marcinho VP**, líder do **Comando Vermelho**, preso atualmente em Mossoró, no Rio Grande do Norte.

A “prova” seria a seguinte foto:



A imagem foi compartilhada milhares de vezes e foi considerada uma das *Fake News* mais compartilhada na História recente do Brasil. O registro mais antigo é de um fotolog de título de baixo calão. A notícia falsa alude à ideia de que Marielle era próxima de bandidos e por isso defendia direitos humanos. Isso é péssimo pois corrompe a ideia de direitos humanos que já é tão distorcida no país. Fere com a dignidade de Marielle, que teve sua vida tirada de forma violenta e causa um sofrimento imensurável à família e eleitores, já que Marielle era uma ativista engajada.

No discurso de autoridades, seguimos com a *Fake News* que a ex-ministra da secretaria de política para as mulheres no governo Dilma Rousseff, ela então teria mencionado na Assembleia Legislativa de São Paulo, deixando a entender que a família do atual governo estaria envolvido com a morte da vereadora na seguinte fala: “Ninguém foi preso, embora até as pedras da calçada do Rio de Janeiro saibam que os assassinos são milicianos com suspeita de proximidade com essa gente que está no poder”, disse a ex-ministra ao representar a ex-presidente Dilma no recebimento do Prêmio Beth Lobo de Direitos Humanos de Mulheres, na Assembleia Legislativa de São Paulo.

2.2. “A vida na comunidade”: a distorção da trajetória de Marielle.

A vereadora Marielle Franco nasceu na Favela da Maré e foi uma das maiores representantes da classe política que saiu da comunidade. Desde pequena era muito esforçada, começou a trabalhar com 11 anos para pagar a sua escola. Foi aluna do pré-vestibular comunitário do Complexo aos 19 anos, em 1988. Ali ela participou do bonde intelectual da favela formado por alunos que participaram do pré-vestibular.

Nos anos 2000, iniciou a sua militância em direitos humanos. Contudo, ela perdeu uma amiga que teria sido atingida por uma bala perdida em confronto entre policiais e traficantes da Maré. Seguindo uma formação humanística, ela teve acesso a boas faculdades – cursou na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro o curso de Ciências Sociais. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018)

Da Maré, vereadora fazia parte do 'bonde de intelectuais da favela'

Marielle Franco começou a militar por direitos humanos depois que perdeu amiga em tiroteio



Fonte: Folha De São Paulo

A imagem simboliza a comoção com a morte da vereadora. O Rio de Janeiro possui enormes áreas de vulnerabilidade e com péssima representação política. O Estado vive uma enorme crise de segurança pública, com traficantes e milícias que disputam o poder dos territórios. Neste caso, o Poder Público não tem controle sobre às áreas – o que dificulta a criação de um projeto de segurança pública.

A vereadora representava os anseios de toda uma comunidade. Após ser eleita em 2016, com mais de 46 mil votos, a vereadora filiada ao PSOL introduziu vários projetos na Favela da Maré como o “Instituto Marielle Franco e o Papo Franco”. Por conta do seu assassinato, a professora e irmã, Anaelle Franco defende a memória da irmã: “Vamos trabalhar com quatro pilares: busca por justiça, o legado, as sementes e o memorial”.

Imagem 5 - Foto de Marielle Franco.



Fonte: VEJA RIO

Nota-se que a vereadora usava uma tatuagem com o lema: “Não é não” – ou seja, que a mulher é dona do próprio corpo e a ela cabe usá-lo como ela entende melhor. Seguindo à risca de colocar em prática as suas propostas, ela apresentou 16 projetos no Rio de Janeiro, em 15 meses de mandato: muitos falam da defesa dos direitos humanos e minorias. Ou seja, as notícias falsas corroeram a imagem da vereadora, distorcendo à realidade da prática política dela. Nota-se neste caso que:

A atuação da imprensa brasileira no contexto especificamente do ambiente de um crime político de Marielle Franco e as informações falsamente e criminosamente construídas para um fim específico que aludem o envolvimento da vereadora com facções e desmoralizam a imagem de Marielle. Essa mídia, em muitos momentos, induziu às diversas discussões que geraram manifestações contra e a favor de um dos grandes símbolos da luta política do Brasil, segundo o site da BBC12. A propagação de informações falsas e criminosas, construídas para um fim específico que aludem o envolvimento da vereadora com facções e a outros fatos que desmoralizam a imagem da Marielle Franco, induziu diversas discussões como o combate a propagação de fake News no ambiente dos Sites de Redes Sociais sobre a Marielle Franco. Essas notícias foram compartilhadas por páginas de teor político e que inflavam o debate, gerando manifestações

contra e a favor de um dos grandes símbolos da luta política do Brasil, segundo o site da BBC (CASTRO, et all. 2018, P.3-4)

O próximo subcapítulo analisará a página do Facebook da Marielle Franco, justamente para problematizar a ação que a vereadora fazia em prol da comunidade e que está distante da visão retratada nas notícias falsas que foram vinculadas a ela.

2.3. “Eu sou porque nós somos”: Marielle no Facebook.

Imagem 6 - Página de Marielle Franco no Facebook.



Fonte: Página Facebook de Marielle

A frase “Eu sou porque nós somos” foi uma das usadas por Marielle Franco, que foi criada em 2016. Ativista e defensora dos direitos humanos ela afirmava que “a política é uma luta contínua. Nós a sentimos todos os dias quando vamos levar nossos filhos, sobrinhos e netos para a escola”.

Marielle ressaltava o descaso do Estado: ela alega que ele não estava dando conta das demandas; denuncia a falta de hospitais, escolas e professores. Na época em que viveu como vereadora o Rio de Janeiro já se encontrava na crise econômica que assola o Estado ainda hoje. Ela resalta em sua página que a Constituição Federal de 1988 estava sendo violada – principalmente as crianças: “XXV – assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até 5 (cinco) anos de idade em creches e pré-escolas” (BRASIL, 1988).

Visto a decadência das políticas públicas, Marielle ressaltava em sua página os problemas sociais envolvendo as mulheres: “não há atendimento nos hospitais;

quando somos desrespeitadas nos transportes públicos; desvalorizadas no ambiente de trabalho; assediadas nas ruas; violentadas em casa”.

Em 24 de maio de 2016, Marielle fez um post de crítica ao PMDB deixando claro o seu descontentamento com o partido por conta que ele havia descumprido a cota feminina de Rádio e Televisão, na descrição ela afirmou: “O PMDB, realmente acha que as mulheres devem ser apenas belas, recatadas e do lar?”. De forma sátira, ela insinua que o PMDB desejava que a mulher fosse igual a de Michel Temer, ex-presidente do Brasil, cuja esposa saiu na capa da Revista Veja tendo justamente essas qualificações.

Imagem 7 - Crítica de Marielle ao PMDB.



Fonte: Página Facebook de Marielle

A página passou a ter mais interações à medida em que ela foi se destacando no cenário político carioca. Contudo, nota-se que atualmente a página contém 194 mil seguidores, sendo que a última postagem foi feita em 14 de novembro de 2018 – infelizmente, após a morte trágica da vereadora, a página passou a funcionar como um grande Memorial – divulgando o nome da ativista, que ganhou projeção após o seu assassinato.



5,2 mil

370 comentários 2,3 mil compartilhamentos

Fonte: Página Facebook de Marielle

Na postagem de novembro de 2018, a foto apresenta simpatizantes da vereadora que “desenham” o nome dela com seus corpos. A hashtag “Marielle Presente” deixa viva a memória da vereadora nas redes sociais. As interações são muito maiores: quase 5 mil e 300 interações, 370 comentários e 2 mil e 300 compartilhamentos.

Contudo, ainda faltam as respostas. Como salienta o pai de Marielle, Antonio:

A vós marcante aqui sempre foi das mulheres sempre foi de Marinete, sempre foi de Marielle, e Anielle também não fica para trás, o tempo não para isso é fato, a vida continua também, jamais imaginei passar o segundo domingo de agosto, dia dos pais, sem minha filha Marielle, a pergunta continua a mesma: quem mandou matar Marielle? Quem matou Marielle? E por que fizeram isso? Eu espero que essa resposta nós tenhamos o mais breve. Porque já são 5 meses e nós não temos essa resposta. (SILVA NETO, 2014. S/P)

O assassinato da vereadora já completou mais de 500 dias. Algumas prisões foram realizadas e por ora nada é conclusivo. Diante deste triste cenário, o mundo vem reconhecendo o legado da vereadora – tanto é que seu nome ganha homenagens mundo afora e torna-se um símbolo da luta das pessoas que vivem em comunidades

carentes no Brasil. Também possui um espaço no espectro político progressista que foi pouco visto nos últimos anos. Desta forma, o nome da vereadora ecoa por conta da violência a qual foi submetida, as notícias falsas que assolaram a sua imagem e o que ela representa. Ela nos faz refletir que tipo de país o Brasil deseja ter: inclusivo ou excludente.

APONTAMENTOS CONCLUSIVOS

Por meio desta pesquisa ficou claro que as *Fake News* contribuíram para corroer a imagem de Marielle Franco. Os discursos de ódio moveram a produção dessas notícias falsas, pelo fato da vereadora ser de esquerda, militante, LGBTQ e negra. O assassinato da vereadora foi movido pelo ódio e ainda carece de investigações profundas – que essa pesquisa não teve condições de discutir.

As *Fake News* produzem efeitos nocivos à pessoa que é afetada. A vereadora ainda sofre com a corrosão da sua imagem e causa sofrimentos a família e as pessoas que conviviam com ela. O jornalismo procura criar ferramentas para mostrar as notícias que são falsas, mas infelizmente a pessoa que acredita na notícia falsa não está apta a mudar de opinião. Vivemos tempos difíceis para quem deseja dizer a verdade.

O trabalho gostaria de ter explorado outras notícias falsas da vereadora. Ao longo do tempo, a pesquisa teve contato com várias notícias falsas – que infelizmente não puderam ser analisadas, contudo, novos desdobramentos analíticos podem surgir com outros objetos.

A pesquisa também entende que a principal missão do jornalista na atualidade é combater as notícias falsas. Elas corroem a prática profissional e alimentam os discursos de ódio utilizando robôs, trolls, fakes e bolhas no mundo virtual. Um cenário catastrófico para uma sociedade que se diz informada, mas que acredita em tudo que lê sem aplicar à leitura senso crítico.

As notícias falsas tendem a continuar e é necessário coragem para combatê-las. As autoridades tem que possuir maior responsabilidade para usar as redes sociais, pois são pessoas que influenciam a opinião pública – ainda mais num país que os indicadores de leitura são baixos.

Por fim, ainda bem que há um movimento contrário que reconstrói a imagem de Marielle, seu nome segue sendo lembrado em várias cidades, movimentos sociais e países, ela se tornou um ícone importante na luta pelos direitos humanos e contra à barbárie. Neste trabalho, ela foi utilizada como um símbolo de combate às notícias falsas e é por isso que se força a ideia de que Marielle estará sempre presente enquanto o país continuar tratando as minorias de forma violenta.

REFERÊNCIAS

APÓS DIVULGAR FAKE NEWS SOBRE MARIELLE, DEPUTADO ALBERTO FRAGA SUSPENDE REDES SOCIAIS. **G1, distrito federal**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/apos-divulgar-fake-news-sobre-marielle-deputado-alberto-fraga-suspende-redes-sociais.ghtml>> Acesso em: 16/09/2019 às 16h25.

BARACUHY, M. **Análise do Discurso e Mídia: nas trilhas da identidade nordestina**. [Programa de pós graduação, 1, 2010] Disponível em: 1<<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-131.pdf>>

BOTELHO, J. **Novo crime de racismo. Decisão do STF em relações culturais complexas**. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/74860/novo-crime-de-racismo-decisao-do-stf-em-relacoes-culturais-complexas>> Acesso em: 29/08/2019 às 17h05.

BRASIL. **[Constituição (1988)] Constituição da República Federativa do Brasil** : texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p. disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf> Acesso em: 11/10/2019 às 12h31;

CARVALHO, M. MATEUS, C. **Fake News E Desinformação No Meio Digital: Análise Da Produção Científica Sobre O Tema Na Área De Ciência Da Informação**. V Encontro Regional De Biblioteconomia, Documentação Gestão E Ciência Da Informação Das Regiões Sudeste, Centro-Este E Sul. 2017.

CARMO, C. apud. ROGERS, Wendy; BALLANTYNE, Angela. **Populações especiais: vulnerabilidade e proteção**. RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde, Rio de Janeiro, v. 2, p. 31-41, dez. 2008. <http://www.scielo.br/pdf/rieb/n64/0020-3874-rieb-64-0201.pdf>

CARMO, C. **Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o**

desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. [IBGE.EDUCA, 1, 2018]. Disponível: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>> Acesso em 29/08/2019 às 15h51.

CASTRO, Raquel de. *et all.* Propagação de Fake News pelo Movimento Brasil Livre – Caso Marielle Franco. Intercom – **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Juazeiro–BA– 5 a 7/7/2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0338-1.pdf>. Acesso em 04/10/2019.

CONHEÇA OS PROJETOS DE LEI DE MARIELLE FRANCO. **Veja Rio**. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cidades/conheca-os-projetos-de-lei-de-marielle-franco/>> Acesso em: 04/10/2019 às 17h05.

DELMAZO, C. VALENTE, J .C. L. **Fake News Nas Redes Sociais Online: Propagação E Reações À Desinformação Em Busca De Cliques** [Site Scielo, vol18, 2018]

DEUSDARÁ, B. DÉCIO, R. **Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória.** [Site Scielo, vol18, 2018]

2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2005000200010>.

EX-MINISTRA RELACIONA SUSPEITOS POR MORTE DE MARIELLE COM OS BOLSONARO. **Metropoles**. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/ex-ministra-relaciona-suspeitos-por-morte-de-marielle-com-os-bolsonaro>> Acesso em: 16/09/2019 às 16h38.

FRANCO, M. **UPP – A REDUÇÃO DA FAVELA A TRÊS LETRAS: UMA ANÁLISE DA POLÍTICA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.** [Publicado no D.O.U. de 20 de dezembro de 2013, 1ª Edição/2013] Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2166/1/Marielle%20Franco.pdf>>.

FRANCO, Marielle. **Sobre.** Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/MarielleFrancoPSOL/about/?ref=page_internal> Acesso em 11/10/2019 às 12h35;

GREGOLIN, M. **A Análise Do Discurso: Conceitos E Aplicações.** , Departamento de Linguística - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP -14800-901 - Araraquara - SP. Alfa, São Paulo, 39: 13-21,199. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/107724/ISSN1981-5794-1995-39-13-21.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> .

MARCINHO VP E MARIELLE: A VERDADE SOBRE ESTE BOATO. **Veja**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/me-engana-que-eu-posto/marcinho-vp-e-marielle-a-verdade-sobre-esse-boato/>> Acesso em: 27/09/2019 às 16h18.

MIZUTANI, L. **Sociedades Plurais: as minorias no contexto multi/intercultural** [revista Theory, Culture & Society, Direito e Práxis, vol. 02, n. 01, 2011, Acesso em: 29/08/2019 às 17: 05h]

PMDB DO RIO DESCUMPRE COTA FEMININA EM SEUS PROGRAMAS DE RÁDIO E TV. **Extra**. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/extra-extra/pmdb-do-rio-descumpre-cota-feminina-em-seus-programas-de-radio-tv-19366667.html>> Acesso em: em 11/10/2019 às 17h11m.

ROCHA, K. **MOVIMENTO LGBT E POLÍTICAS PÚBLICAS: da (in)visibilidade ao reconhecimento**. [Jornadas/ joinpp/, s/e, 2017 Acesso em: 29/08/2019 às 17: 15m]. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/movimentolgbtepoliticaspUBLICASdainvisibilidadeaoreconhecimento.pdf>>.

SASTRE, A. CORREIO, C. CORREIO, F. **A influência do “filtro bolha” na difusão de fake news nas mídias sociais: reflexões sobre as mudanças nos algoritmos do facebook**. In: REVISTA GEMINIS, p. 6. [2018]